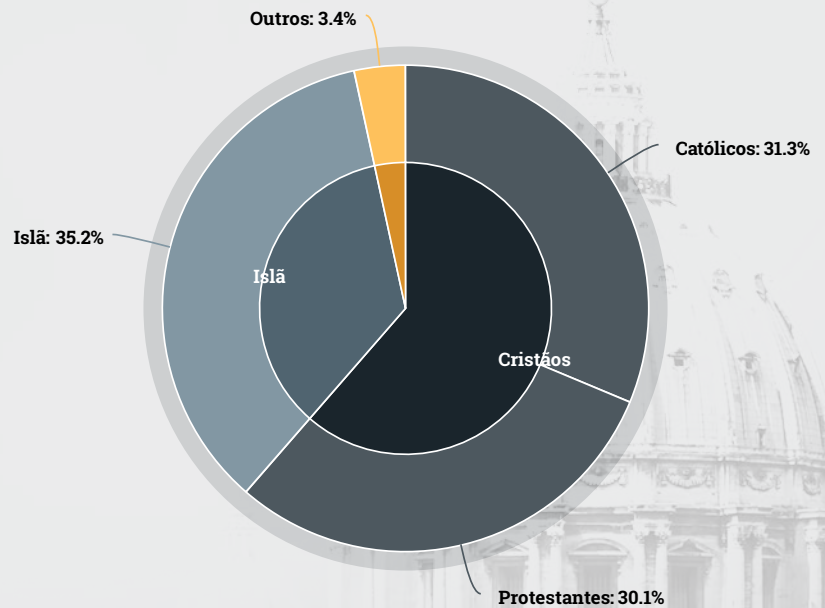


Tanzânia



DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A Constituição da República Unida da Tanzânia data de 1977. Em 2011 e 2013, foram realizadas três alterações e em 2014 foi aberto um processo de consulta a nível nacional, para o qual os grupos religiosos foram também solicitados para dar sua opinião. Na altura em que foi para impressão, o texto da nova Constituição ficou concluído. Contudo, depois de um referendo planeado ter sido bloqueado pelo Parlamento em abril de 2015, o texto ainda não tinha sido oficialmente aprovado e promulgado como lei. Além disso, o texto da nova Constituição está apenas disponível em suaíli e espera tradução para inglês.

A Constituição de 1977 proclamava o princípio do carácter secular do Estado. O artigo 19º afirmava que “cada pessoa tem direito à liberdade de consciência, ou fé, e à escolha em termos de religião, incluindo a liberdade para alterar a sua religião ou fé.”^[1] O texto afirma ainda que ninguém deve ser discriminado com base nas convicções religiosas e que cada pessoa tem direito a praticar a sua fé em associação com outros e a mudar de religião se assim o desejar. A Constituição proíbe os partidos políticos cujo programa envolva a promoção de interesses de um grupo religioso específico.

[1] <http://www.judiciary.go.tz/downloads/constitution.pdf> (acessado em Abril de 2016)

A Constituição de Zanzibar – que desde 1964 faz parte da República Unida da Tanzânia, mas que é autónoma, com o seu próprio presidente e Parlamento – contém igualmente estas mesmas garantias da liberdade religiosa.^[2]

Na prática, todos os princípios que dizem respeito ao direito à liberdade de culto presentes na Constituição de 1977 encontram-se também na nova lei fundamental. O artigo 41º, sobre liberdade religiosa e de fé, contém sete parágrafos, que afirmam o seguinte: 1) cada pessoa tem direito à liberdade de consciência e fé; 2) cada pessoa tem direito a celebrar e propagar a sua religião livremente, desde que não viole a lei do país; 3) a tarefa de organizar as comunidades religiosas recai fora da competência do Governo; 4) a proteção do direito à liberdade de culto deve ser regulamentada pela lei; 5) o Estado deve proibir qualquer abuso da liberdade de culto para fins de perturbação da paz no país, propagação do ódio ou criação de agitação social; 6) a fé e a religião nunca devem ser usadas para alimentar a hostilidade ou a divisão entre os cidadãos.^[3]

Todas as organizações religiosas são obrigadas a registrar-se no Ministério do Interior da Tanzânia no continente e junto do Governo principal da Conservatória do Registro Geral em Zanzibar. Para o registro são necessários os nomes dos

[2] As disposições da nova Constituição relativas à liberdade religiosa foram disponibilizadas por um missionário expatriado que sabe suaíli.

[3] A nova Constituição, na sua língua original suaíli, usa a palavra “dini” para se referir a fé, denominação religiosa, seitas ou os seguidores de qualquer grupo religioso. Em suaíli, “dini” significa o que podemos chamar “as religiões do livro” e não inclui as crenças religiosas tradicionais.

membros, bem como estatutos escritos, currículos dos líderes e uma carta de recomendação do prefeito do seu distrito de origem. Além disso, as organizações muçulmanas são obrigadas a produzir prova de autorização do Conselho Muçulmano Nacional da Tanzânia (Bakwata) ou uma autorização semelhante do mufti local, caso estejam sediadas em Zanzibar.

O Governo de Zanzibar nomeia um *mufti*, jurista profissional que interpreta a sharia (lei islâmica), para supervisionar as organizações muçulmanas. Alguns muçulmanos têm argumentado que esta prática representa excessiva interferência governamental.

O ensino da religião nas escolas públicas é autorizado, mas apenas como disciplina extracurricular. As aulas devem ser aprovadas pela direção da escola, pelas associações de professores ou pelos pais, e são disponibilizadas sem custos adicionais pelos pais ou outros voluntários. As escolas e universidades religiosas são legais, e existem em grande quantidade, sejam elas cristãs (tanto católicas como protestantes) ou islâmicas. As organizações cristãs são obrigadas a apresentar ao Ministério do Interior uma carta de acreditação da hierarquia da sua própria denominação.

As celebrações religiosas nacionais reconhecidas incluem as festas cristãs de Sexta-feira Santa, Segunda-feira de Páscoa e dia de Natal, e as festas muçulmanas de Maulid, Eid al-Fitr e Eid al-Hajj.

INCIDENTES

A Tanzânia tem uma longa tradição de coexistência pacífica entre diferentes denominações religiosas, em particular entre cristãos e muçulmanos, e a liberdade religiosa é em geral respeitada. Contudo, os cristãos na Tanzânia, e em menor extensão os muçulmanos moderados, estão testemunhando um aumento da violência islamita. Desde 2013 tem havido um aumento no número de ataques a igrejas, bem como a forças de segurança e a qualquer muçulmano moderado que se oponham aos islamitas.

Os primeiros incidentes graves tiveram início em 2013. Em fevereiro desse ano, um sacerdote católico foi morto a tiro no arquipélago de Zanzibar, onde domina o Islamismo. Outro sacerdote foi decapitado por assaltantes desconhecidos em Buseresere, perto do Lago Victoria, durante o mesmo mês. Em 3 de maio desse ano, a explosão de uma bomba no exterior de uma igreja em Arusha, que tinha sido consagrado pelo Núncio e pelo Arcebispo dessa diocese, matou duas pessoas e feriu outras trinta. Em 13 de setembro de 2013, um sacerdote católico idoso, o Padre Anselmo Mwangambwa, ficou gravemente ferido depois de agressores lhe terem atirado ácido numa rua da capital de Zanzibar. Em setembro de 2014, o Pastor Prince Simon e a sua mulher foram assaltados na casa deles em Zanzibar, os assaltantes declararam que não queriam cristãos na ilha e os mandaram voltar ao

continente.^[4]

Em 14 de junho de 2014, uma explosão perto de uma mesquita em Zanzibar matou pelo menos uma pessoa e feriu várias outras. O incidente coincidiu com a abertura do Festival Internacional de Cinema de Zanzibar, que todos os anos atrai dezenas de turistas estrangeiros.

As tensões entre muçulmanos e cristãos levaram a um ataque fatal em Bukoba em outubro de 2014: assaltantes muçulmanos empunhando facões atacaram um grupo de estudo da Bíblia, matando um homem e ferindo gravemente outro.

Um dos pontos mais fortes do atrito entre cristãos e muçulmanos é a questão do abate de animais para consumo humano. Muitos líderes muçulmanos argumentaram que eles são os únicos qualificados para realizarem esta tarefa. Isto assumiu a forma de um debate público acalorado. Um proeminente clérigo muçulmano foi citado dizendo o seguinte: "Esta é a nossa tradição. Não vamos permitir que os cristãos se envolvam neste negócio, pois sentimos que isso vai criar violência na sociedade. Os cristãos estão autorizados a vender carne, incluindo nos seus próprios talhos. O único problema tem a ver com o abate do animal."^[5] Este conflito chegou ao ponto de, em fevereiro de 2013, o Gabinete do Presidente ter emitido uma declaração afirmando que a tarefa de abate de animais para consumo público apenas deve ser realizada por muçulmanos.

Ataques esporádicos a igrejas cristãs continuaram sendo relatados em 2015 e 2016. Em dezembro de 2015, o secretário da Associação local de Pastores de Bukoba disse que, desde 2013, tinham tido mais de treze igrejas incendiadas em Kagera e que ninguém tinha sido considerado responsável.^[6] Em 2 de maio, uma igreja católica em Nyarwele, também na região de Kagera, foi totalmente incendiada, no que se suspeita ser um incêndio intencional. Nenhum grupo reivindicou a responsabilidade deste ataque. Foi a terceira igreja em quatro meses destruída pelo fogo, depois das igrejas da Assembleia de Deus da Tanzânia e da Assembleia Pentecostal.

Líderes muçulmanos conhecidos pelas suas posições moderadas foram também atacados por presumíveis extremistas ligados a grupos islâmicos radicais. Às primeiras horas do dia 5 de julho de 2014, pensa-se que militantes islamitas atiraram uma granada de mão para uma casa residencial na área de Majengo, onde líderes muçulmanos estavam fazendo uma refeição antes do jejum do Ramadã chamada Suhoor.^[7] Dois deles ficaram gravemente feridos, incluindo um clérigo muçulmano, o Xequê Sudi Ally Sudi, diretor de um grupo islâmico chamado Answar Sunni, e também o Imã da Mesquita sunita de Kilombero.

[4] <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2015/tanzania>

[5] <https://voiceofthepersecuted.wordpress.com/category/christian-persecution-news/africa/tanzania/>

[6] <http://dailynews.co.tz/index.php/features/44998-year-of-nasty-incidents-of-burning-churches>

[7] <http://www.bbc.com/news/world-africa-22425364>

Em 19 de maio de 2016, uma mesquita moderada na região de Mwanza, no noroeste da Tanzânia, foi atacada por um grupo de cerca de vinte pessoas armadas com machados, espadas e uma arma de fogo e empunhando uma bandeira preta semelhante à usada pelo grupo autodenominado Estado Islâmico (EI). Deram ordens a todas as pessoas para que se deitassem no chão e chamaram o líder da mesquita, o Imã Feruz, antes de o matarem juntamente com outras duas pessoas.^[8] Testemunhas disseram que os terroristas perguntaram aos crentes porque eles estavam rezando enquanto “os nossos camaradas estão na prisão”, antes de os atacarem. Nenhum grupo reivindicou a responsabilidade do ataque, que ocorreu dias depois de ter surgido um vídeo de pessoas com máscaras alegando que eram um ramo do EI na África Oriental.

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

A longa tradição de respeito pelo direito à liberdade religiosa e de coexistência religiosa na Tanzânia foi gravemente deteriorada pelo menos desde 2013. A causa desta deterioração é a propagação de grupos extremistas islâmicos violentos, que atacam não apenas igrejas cristãs, mas também clérigos muçulmanos moderados. Apesar dos esforços dos últimos dois Governos para garantir a prática da liberdade religiosa, e da abertura da opinião pública ao pluralismo religioso e ao respeito pelas crenças dos outros, repetidos ataques contra edifícios de igrejas e ministros religiosos mantêm-se como uma séria causa de preocupação.

[8] <http://allafrica.com/stories/201407072108.html>